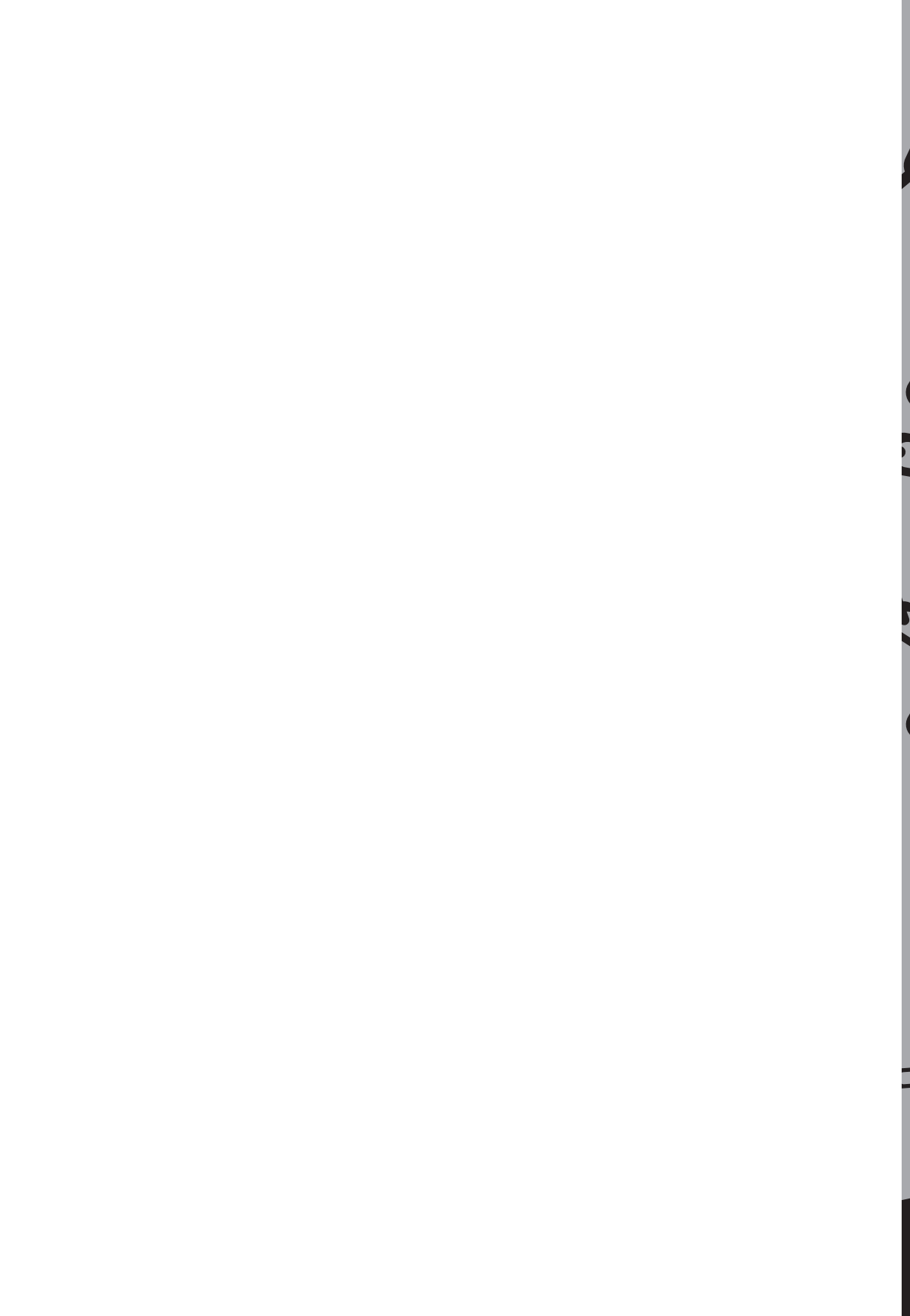




O FANTASMA De CANTERVILLE

E OUTROS
CONTOS





Oscar
Wilde

O
FANTASMA
De
CANTERVILLE

E OUTROS
CONTOS

TRADUÇÃO
THALITA UBA



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The Canterville Ghost

Produção, projeto gráfico e edição
Ciranda Cultural

Texto
Oscar Wilde

Imagens
Rene Martin/Shutterstock.com;
Lilis Nur Hayati/Shutterstock.com;

Tradução
Thalita Uba

Klara Viskova/Shutterstock.com;

Preparação, diagramação e revisão
Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W671f	Wilde, Oscar
	O fantasma de Canterville e outros contos / Oscar Wilde ; traduzido por Thalita Uba. - Jandira, SP : Principis, 2020. 80 p. ; 16cm x 23cm. - (Clássicos da Literatura Mundial).
	Tradução de: The Canterville Ghost Inclui índice. ISBN: 978-65-55520-01-9
	1. Literatura irlandesa. 2. Ficção. I. Uba, Thalita. II. Título. III. Série.
2020-443	CDD 828.99153 CDU 821.111(41)-3

Elaborado por Odílio Hilário Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura irlandesa : Ficção 828.99153
2. Literatura irlandesa : Ficção 821.111(41)-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



SUMÁRIO

O FANTASMA DE CANTERVILLE.....	6
CAPÍTULO I.....	6
CAPÍTULO II.....	10
CAPÍTULO III.....	13
CAPÍTULO IV.....	18
CAPÍTULO V.....	22
CAPÍTULO VI.....	27
CAPÍTULO VII.....	30
O PRÍNCIPE FELIZ.....	35
O ROUXINOL E A ROSA.....	45
O GIGANTE EGOÍSTA.....	52
O AMIGO DEDICADO.....	57
O ROJÃO EXTRAORDINÁRIO.....	67



O FANTASMA DE CANTERVILLE

CAPÍTULO I

Quando o sr. Hiram B. Otis, ministro norte-americano, comprou a Mansão Canterville, todos lhe disseram que ele estava cometendo uma tolice, visto que o local era, sem sombra de dúvidas, mal-assombrado. Até mesmo o próprio lorde Canterville, que era um homem da mais indubitável honra, sentira a obrigação de mencionar o fato ao sr. Otis, quando eles se reuniram para discutir os termos do contrato.

– Nem mesmo nós nos arriscamos a viver neste lugar – contou lorde Canterville.
– Isso desde que minha tia-avó, a duquesa-viúva de Bolton, sofreu um surto, do qual nunca se recuperou plenamente, provocado por duas mãos esqueléticas que tocaram seus ombros quando ela estava se vestindo para jantar e sinto-me na obrigação de lhe contar, sr. Otis, que o fantasma já foi visto por vários membros da minha família, bem como pelo vigário de nossa paróquia, o reverendo Augustus Dampier, que é membro do King's College, de Cambridge. Depois do infeliz incidente com a Duquesa, nenhum de nossos criados mais jovens quis continuar conosco e lady Canterville frequentemente não conseguia dormir à noite, por causa dos ruídos misteriosos que vinham do corredor e da biblioteca.

– Milorde – respondeu o ministro –, ficarei com os móveis e com o fantasma pelo valor avaliado. Venho de um país moderno, onde temos tudo que o dinheiro pode comprar, com todos os nossos vivazes jovens alvoroçando o

O FANTASMA DE CANTERVILLE E OUTROS CONTOS

Velho Mundo e levando embora suas melhores atrizes e cantoras de ópera, acredito que se houvesse um fantasma na Europa, em pouquíssimo tempo ele estaria sendo exibido em um de nossos museus públicos, ou percorrendo o país como uma atração.

– Receio que o fantasma realmente exista – alertou lordes Canterville, sorrindo –, embora talvez tenha resistido às ofertas de seus empresários empreendedores. É bastante conhecido há três séculos, desde 1584, para falar a verdade, e sempre apareceu para preludiar a morte de algum membro de nossa família.

– Bem, o médico da família também aparece nessas circunstâncias, lordes Canterville. Porém fantasmas não existem, caro senhor, e não acho que as leis da natureza abrissem uma exceção para a aristocracia britânica.

– Vocês são, certamente, muito naturais na América – comentou lordes Canterville, sem entender muito bem a última observação do sr. Otis –, e se você não se importa em ter um fantasma na casa, não há problema algum. Apenas lembre-se de que eu o alertei.

Algumas semanas depois, a compra foi concluída e, ao final da temporada, o ministro e sua família se mudaram para a Mansão Canterville. A sra. Otis, que, assim como a srta. Lucretia R. Tappan, da rua West 53rd, costumava ser uma celebrada beldade em Nova Iorque, agora era uma mulher de meia-idade muito bonita, com belos olhos e um perfil deslumbrante. Muitas americanas, ao deixarem sua terra natal, costumam assumir uma aparência adoentada, julgando ser uma expressão do refinamento europeu, mas a sra. Otis nunca cometeu esse erro. Para falar a verdade, ela era, em muitos aspectos, bastante inglesa e configurava um exemplo excelente do fato de que temos quase tudo em comum com os americanos hoje em dia, à exceção, é claro, da língua. Seu primogênito, batizado pelos pais, em um rompante de patriotismo, de Washington, algo que ele nunca deixou de lastimar, era um jovem de cabelos claros, bastante bem-apessoado, que se destacara por sua diplomacia americana ao liderar o grupo de cotilhão do Newport Casino durante três temporadas consecutivas e sua fama de excelente dançarino era conhecida até em Londres. Gardênias e a aristocracia eram seu único fraco, fora isso, tratava-se de um rapaz extremamente sensato. A srta. Virginia E. Otis era uma garota de 15 anos de idade, ágil e graciosa como uma corça, cujos grandes olhos azuis refletiam

uma admirável franqueza; era uma amazona e tanto também. Certa vez, derrotara lord Bilton em uma corrida de cavalos ao redor do parque, vencendo por uma margem considerável, bem diante da estátua de Aquiles. Tal feito fascinara o jovem duque de Cheshire, que a pediu em casamento na mesma hora e foi mandado de volta, em meio a muitas lágrimas, para o internato de Eton naquela mesma noite por seus tutores. Na sequência vinham os gêmeos, que costumavam ser chamados de “malhadinhos”, visto que viviam sendo açoitados. Eram meninos adoráveis e, à exceção do respeitável ministro, eram os únicos verdadeiros republicanos da família.

Como a Mansão de Canterville ficava a onze quilômetros de Ascot, a estação ferroviária mais próxima, o sr. Otis havia solicitado que um breque fosse buscá-los e eles partiram eufóricos em sua jornada. Era uma bela noite de julho e o ar estava perfumado com o aroma delicado dos pinheiros. Volta e meia, eles ouviam a voz doce de um pombo-torçaz ou avistavam, em meio aos ramos sibilantes, o peito lustroso de um faisão, pequenos esquilos os espiavam dos galhos das árvores à medida que eles prosseguiam e os coelhos escondiam-se em meio aos arbustos e atrás dos outeiros cobertos de musgo, com seus rabinhos brancos eriçados. Quando chegaram à via que levava à Mansão Canterville, contudo, o céu foi subitamente tomado pelas nuvens, uma quietude curiosa pareceu pairar no ar, um bando enorme de gralhas passou silenciosamente por cima de suas cabeças e, antes que eles pudessem chegar à casa, gotas pesadas de chuva começaram a cair.

Uma senhora elegantemente vestida de preto, com touca e avental brancos, estava parada na escada para recebê-los. Era a sra. Umney, a governanta, que o sr. Otis, diante do pedido veemente da sra. Canterville, concordara em manter empregada. Ela fez uma breve reverência quando todos saltaram do veículo e disse, de modo pitoresco e cerimonioso:

– Desejo-lhes as boas-vindas à Mansão Canterville.

Todos a seguiram, passando pelo belo átrio em estilo tudoriano, até chegarem à biblioteca, um salão longo, de teto baixo, ladeado por paredes de carvalho negro, com grandes janelas de vitrais em ambas as pontas. Lá, o chá já estava servido para a família e, depois de tirarem os casacos, sentaram-se e começaram a olhar em volta, enquanto a sra. Umney os servia. Subitamente, a

O FANTASMA DE CANTERVILLE E OUTROS CONTOS

sra. Otis avistou uma mancha vermelha opaca no chão diante da lareira e, sem conferir muito significado àquilo, comentou com a sra. Umney.

– Receio que algo tenha sido derramado ali.

– Sim, senhora – respondeu a velha governanta baixinho. – Sangue foi derramado naquele local.

– Que horror! – exclamou a sra. Otis. – Não gosto nem um pouco de ter manchas de sangue na sala de visitas. Ela deve ser removida imediatamente.

A velha sorriu e respondeu no mesmo tom grave e misterioso:

– É o sangue de lady Eleanore de Canterville, que foi assassinada naquele exato local pelo próprio marido, *sir* Simon de Canterville, em 1575. *Sir* Simon viveu por mais nove anos após a morte dela, mas o espírito arrependido dele ainda assombra a mansão. A mancha de sangue já foi muito admirada por turistas e outras pessoas e não pode ser removida.

– Mas que bobagem – retrucou Washington Otis. – O Removedor-Detergente Implacável da Pinkerton limpará tudo em um piscar de olhos.

Antes que a governanta pudesse interferir, ele já havia se ajoelhado e estava esfregando o chão energicamente com um pauzinho e algo que mais parecia um cosmético preto. Em poucos instantes, todos os vestígios da mancha tinham desaparecido.

– Eu sabia que o Pinkerton funcionaria – exclamou ele, triunfante, enquanto retribuía os olhares aprovadores de sua família, mas, assim que terminou de proferir aquelas palavras, um raio terrível iluminou todo o salão escuro, o estrondo espantoso do trovão fez todos se levantarem e a sra. Umney desmaiou.

– Que tempo pavoroso! – disse o ministro, calmamente, enquanto acendia um longo charuto. – Este país deve estar tão superpovoado que não há tempo bom para todos os habitantes. Sempre fui da opinião de que a imigração é só o que resta à Inglaterra.

– Meu querido Hiram – chamou a sra. Otis –, o que podemos fazer com uma mulher desmaiada?

– Descontaremos de seu pagamento como pausas no trabalho – respondeu o ministro. – Ela não desmaiará depois disso.

Em poucos instantes, a sra. Umney, de fato, recobrou a consciência. Não havia dúvidas, contudo, de que estava extremamente chateada, e alertou o sr. Otis de maneira incisiva quanto a alguns percalços que poderiam se suceder na casa.

– Já vi muitas coisas com estes olhos, senhor – afirmou ela –, que fariam qualquer cristão se arrepiar inteiro e são incontáveis as noites em que não consegui pregar os olhos por conta das coisas terríveis que se passaram por aqui.

O sr. Otis e sua esposa, no entanto, garantiram àquela alma honesta que não tinham medo de fantasma. Após invocar a bênção da Providência sobre seus novos patrões e combinar um aumento em seu salário, a velha governanta recolheu-se em seu aposento.

CAPÍTULO II

O temporal vociferou a noite toda, mas nada particularmente peculiar ocorreu. Na manhã seguinte, contudo, quando todos desceram para o café da manhã, a terrível mancha de sangue estava de novo no chão.

– Não acho que possa ser culpa do Detergente Implacável – ponderou Washington –, pois já o testei com tudo que é possível, deve ser o fantasma.

Ele removeu a mancha uma segunda vez, mas, na manhã seguinte, lá estava ela novamente. Na terceira manhã, a mancha também retornou, embora a biblioteca tivesse sido trancada pelo próprio sr. Otis, que levava a chave consigo para o pavimento superior. Toda a família agora estava muito intrigada: o sr. Otis começou a suspeitar que havia sido dogmático demais em sua negação à existência de fantasmas; a sra. Otis expressou sua intenção de se juntar à Sociedade de Pesquisas Psíquicas; e Washington elaborou uma longa carta aos srs. Frederic Myers e Frank Podmore sobre a permanência de manchas de sangue relacionadas a crimes. Naquela noite, todas as dúvidas quanto à existência objetiva da fantasmação foram totalmente eliminadas.

O dia havia começado quente e ensolarado e, quando o frescor da noite se instaurou, a família saiu para uma volta de coche. Eles retornaram somente às nove horas e fizeram uma refeição leve. A conversa não girava, de modo algum, em torno de fantasmas, então não havia sequer a condição primária da expectativa que frequentemente precede a aparição de um fenômeno sobrenatural. Os assuntos discutidos, pelo que contou o próprio sr. Otis, resumiam-se aos tópicos corriqueiros de americanos cultos da classe mais abastada,

O FANTASMA DE CANTERVILLE E OUTROS CONTOS

como o fato da srta. Fanny Devonport ser bem melhor atriz do que Sarah Bernhardt; a dificuldade em se conseguir milho-verde, bolos de trigo sarraceno e canjica até mesmo nas melhores lojas inglesas; a importância de Boston no desenvolvimento do espírito universal; as vantagens do sistema de despacho de bagagens nas viagens de trem; e a graciosidade do sotaque nova-iorquino em comparação à arrastada fala londrina. Absolutamente nenhuma menção foi feita a assombrações, nem a *sir* Simon de Canterville. Às onze horas, todos se recolheram em seus aposentos particulares e às onze e meia, todas as luzes estavam apagadas.

Algum tempo depois, o sr. Otis foi acordado por um barulho curioso no corredor, do lado de fora de seu quarto, soava como o rangido de algo metálico e parecia estar se aproximando cada vez mais. O ministro se levantou de imediato, acendeu um fósforo e olhou para o relógio, era, exatamente, uma hora. Ele estava bastante calmo e mediu sua pulsação, que não estava nem um pouco acelerada, o ruído estranho continuou e ouvia-se também o som distinto de passos, então o ministro calçou as chinelas, pegou um frasco de vidro comprido da mesa de cabeceira e abriu a porta. Bem à sua frente ele viu, sob a fraca luz do luar, um velho de aspecto pavoroso; seus olhos eram vermelhos como carvão em brasa; os cabelos grisalhos escorriam pelos ombros em cachos emaranhados; suas roupas, muito antigas, estavam sujas e rasgadas; e de seus pulsos e tornozelos pendiam pesadas algemas e grillhões enferrujados.

– Meu caro senhor – disse o sr. Otis –, preciso pedir que lubrifique essas correntes. Trouxe-lhe, para tal fim, um pequeno frasco de lubrificante Sol Nascente, da Tammany. Dizem que sua eficácia é completa com apenas uma aplicação e há vários testemunhos de tal eficiência na embalagem, de alguns de nossos mais distintos conterrâneos. Eu o deixarei aqui para o senhor, ao lado dos candelabros, e ficarei feliz em fornecer mais, se necessitar.

Com essas palavras, o ministro estadunidense deixou o frasco sobre a mesa de mármore e, fechando a porta, recolheu-se para descansar.

Por um instante, o fantasma de Canterville permaneceu imóvel, naturalmente indignado. Então, espatifando o frasco no piso polido, ele seguiu apressadamente pelo corredor, emitindo grunhidos guturais e emanando uma luz verde horripilante. Logo que chegou ao topo da grande escadaria de carvalho, no entanto, uma porta foi escancarada, duas pequenas criaturas de camisola branca apareceram e um travesseiro foi arremessado, passando zunindo ao

lado de sua cabeça! Não havia, evidentemente, tempo a perder, então, adotando a quarta dimensão do Espaço como rota de fuga, ele desapareceu pela parede e a casa ficou novamente em silêncio.

Ao chegar à pequena câmara secreta na ala oeste, ele se apoiou em um raio de luar para recuperar o fôlego e começou a tentar assimilar sua situação. Nunca, em uma brilhante e ininterrupta carreira de trezentos anos, ele fora tão gravemente insultado, pensou na duquesa-viúva, que ele apavorara quando estava parada diante do espelho, coberta de joias e rendas; nas quatro criadas, que ficaram histéricas quando ele meramente sorriu para elas por entre as cortinas de um dos cômodos vagos; no vigário da paróquia, cuja vela ele apagara quando o homem estava saindo da biblioteca e que estava sob os cuidados de *sir* William Gull desde então, por conta de distúrbios nervosos; e da velha madame de Tremouillac, que, após ter acordado cedo pela manhã e visto um esqueleto sentado em sua poltrona lendo seu diário, ficara confinada na cama por seis semanas, sofrendo de febre cerebral, e que, depois de recuperar-se, reconciliou-se com a igreja e cortou laços com aquele cético famoso, *monsieur* de Voltaire. Ele se lembrou da noite terrível em que o perverso lorde Canterville foi encontrado sufocando em seu closet, com um valete de ouros enfiado na garganta, e confessou, pouco antes de morrer, que havia arrancado cinquenta mil libras de Charles James Fox em um jogo no Crockford's trapaceando com aquela mesma carta, e que o fantasma o obrigara a engoli-la.

Todas essas grandes proezas retornaram à sua memória, desde o mordomo que se matara com um tiro na despensa, porque havia visto uma mão verde tamborilando os dedos na vidraça da janela até a bela lady Stutfield, que foi obrigada a usar uma fita de veludo preta em torno do pescoço para esconder a marca dos cinco dedos que queimaram sua pele alva e que, por fim, acabara se afogando no tanque de carpas de King's Walk. Com o egotismo entusiasmado de um verdadeiro artista, ele relembrou todas as suas façanhas mais celebradas e sorriu amarguradamente para si mesmo ao recordar sua última aparição como "Rubem, o Vermelho" ou como o "Bebê Estrangulado"; seu debut como "Guant Gibeon, o Vampiro de Bexley Moor"; e o furor que causara em uma agradável noite de junho meramente ao jogar chinquilha com seus próprios ossos na quadra gramada de tênis. E depois de tudo isso, uns miseráveis americanos modernos vinham lhe oferecer lubrificante Sol Nascente e arremessar

travesseiros em sua cabeça! Aquilo era inaceitável. Além disso, nenhum fantasma na história havia sido tratado de tal forma, então decidiu se vingar, e permaneceu até o raiar do dia refletindo sobre a questão.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, quando a família Otis se reuniu para o café da manhã, discutiu sobre o fantasma por algum tempo. O ministro, naturalmente, ficou um tanto irritado por seu presente ter sido rejeitado.

– Não desejo, de forma alguma – comentou ele –, fazer qualquer ofensa pessoal ao fantasma e preciso dizer que, considerando o tempo que ele já está na casa, acho que não é nem um pouco educado arremessar travesseiros nele – uma observação muito justa, diante da qual, lamento dizer, os gêmeos caíram na gargalhada. – Por outro lado – continuou –, se ele realmente se recusa a usar o lubrificante Sol Nascente, teremos de tomar suas correntes. Seria impossível dormir com tamanha barulheira nos corredores.

Durante o resto da semana, no entanto, eles não foram mais perturbados, e a única coisa que continuou chamando a atenção foi a contínua renovação da mancha de sangue na biblioteca. Isso, certamente, era muito estranho, visto que a porta era sempre trancada à noite pelo sr. Otis e as janelas, devidamente obstruídas com barras. A cor camaleônica da mancha também rendeu diversos comentários, pois em algumas manhãs, era um vermelho opaco (quase indiano); em outro dia, vermelho-alaranjado; em outro, um roxo vívido; e certa vez, quando a família desceu para fazer suas preces, seguindo os ritos simples da Igreja Episcopal Reformada dos Estados Unidos, a mancha era de um verde-esmeralda intenso. É claro que essas mudanças caleidoscópicas divertiam a família um bocado e apostas quanto à próxima cor eram feitas todas as noites. A única pessoa que não participava da brincadeira era Virginia, que, por motivos inexplicados, sempre se perturbava muito diante da mancha de sangue e quase chorou no dia em que amanhecera verde-esmeralda.

A segunda aparição do fantasma foi no domingo à noite, pouco depois de a família ter ido dormir, eles foram subitamente despertados por um estrondo

no corredor e ao descerem as escadas correndo, descobriram que uma antiga armadura havia sido removida de seu suporte e jazia espatifada no piso de pedra, enquanto o fantasma de Canterville se encontrava sentado em uma poltrona de encosto alto, esfregando os joelhos e com uma expressão de agonia tremenda no rosto. Os gêmeos, que tinham levado suas zarabatanas, imediatamente atiraram duas pelotas nele, com uma precisão de pontaria que só se pode obter com muitas horas de prática intensiva, ao passo que o ministro apontou-lhe o revólver e mandou, seguindo a etiqueta californiana, que pusesse as mãos ao alto! O fantasma se levantou, dando um grito medonho de raiva, passou por entre eles como uma névoa, apagando a vela de Washington ao fazê-lo e deixando todos na completa escuridão.

Ao chegar ao topo da escadaria, ele se recuperou e decidiu bramar sua célebre gargalhada demoníaca, pois tal artifício se provara, em mais de uma ocasião, extremamente útil. Dizia-se que havia embranquecido os cabelos de lord Raker em uma única noite e também fizera com que três governantas francesas de lady Canterville pedissem dispensa antes do primeiro mês de trabalho. Ele deu, portanto, sua gargalhada mais horripilante, até o velho teto abobadado reverberá-la repetidamente, mas o eco pavoroso mal havia cessado quando uma porta se abriu e a sra. Otis apareceu, com sua camisola azul-claro.

– Receio que o senhor não esteja nada bem – comentou ela –, então lhe trouxe um frasco de tintura do doutor Dobell. Se for indigestão, o senhor verá que é um remédio excelente.

O fantasma a encarou, furioso, e começou imediatamente a se preparar para se transformar em um grande cachorro preto, uma façanha pela qual era igualmente reconhecido e à qual o médico da família sempre atribuiu o idiotismo permanente do tio de lord Canterville, o Honorável Thomas Horton. O som de passos se aproximando, contudo, o fez hesitar, então ele se contentou em ficar levemente fosforescente e desapareceu com um grunhido demoníaco bem quando os gêmeos se aproximaram dele.

Ao chegar ao seu quarto, ele desabou completamente e sucumbiu a uma agitação violenta. A vulgaridade dos gêmeos e o materialismo repugnante da sra. Otis eram, naturalmente, muito irritantes, mas o que realmente o perturbava era o fato de que ele não conseguira colocar a armadura. Ele esperava que até mesmo americanos modernos se inquietassem ao ver um espectro encouraçado,

O FANTASMA DE CANTERVILLE E OUTROS CONTOS

se não por um motivo mais sensato, ao menos por respeito a seu conterrâneo Henry Longfellow, com cuja poesia graciosa e encantadora ele próprio passara muitas enfadonhas horas quando os Canterville estavam na cidade. Além disso, aquela era sua própria armadura, ele a usara, com grande sucesso, no torneio de Kenilworth e recebera muitos elogios de ninguém menos que a Rainha Virgem em pessoa. Entretanto, quando a colocou hoje, fora completamente vencido pelo peso do peitoral enorme e do elmo de aço e desabara com tudo no piso de pedra, esfolando os dois joelhos e machucando as articulações da mão direita.

Por alguns dias após esse incidente, ele ficou extremamente debilitado e saiu de seu quarto apenas para fazer a devida manutenção da mancha de sangue. Entretanto, tendo cuidado muito bem de si mesmo, ele se recuperou e resolveu fazer uma terceira tentativa de assustar o ministro norte-americano e sua família. Escolheu a sexta-feira, dia 17 de agosto, para sua aparição, e passou boa parte do dia vasculhando o guarda-roupa, decidindo-se, por fim, por um enorme chapéu de abas largas com uma pena vermelha, um sudário com babados nos punhos e no pescoço e uma adaga enferrujada.

Ao anoitecer, uma tempestade violenta desabou e o vento estava tão forte que todas as janelas e portas do velho casarão tremiam e chacoalhavam. Para falar a verdade, era exatamente esse clima que ele adorava, seu plano de ação era o seguinte: ele entraria sorrateiramente nos aposentos pessoais de Washington Otis, tagarelaria uma porção de coisas sem sentido ao pé da cama e daria três punhaladas na própria garganta ao som de uma música lenta. Ele nutria um ressentimento particular por Washington, pois sabia perfeitamente que era ele quem tinha o hábito de remover a famosa mancha de sangue com o Detergente Implacável Pinkerton. Depois de reduzir o jovem negligente e petulante a um estado de pavor abjeto, ele passaria para o cômodo ocupado pelo ministro e sua esposa, onde colocaria a mão fria e úmida na testa da sra. Otis enquanto sussurrava no ouvido de seu marido apavorado todos os segredos terríveis que se ocultavam no ossuário. Quanto à pequena Virginia, ele ainda não tinha decidido. Ela jamais o insultara de forma alguma, e era bonita e educada. Ele supunha que alguns grunhidos guturais do guarda-roupa fossem o suficiente. Ou, se os grunhidos não a despertassem, talvez ele puxasse a colcha com seus dedos trêmulos. Quanto aos gêmeos, ele estava bastante decidido a lhes ensinar uma lição. A primeira coisa a se fazer, é claro, era sentar sobre o